

Setúbal Arqueológica
vol. 20



O CASTRO DE CHIBANES NA CONQUISTA ROMANA

Intervenções arqueológicas de 1996 a 2017



O CASTRO DE CHIBANES NA CONQUISTA ROMANA

Intervenções arqueológicas de 1996 a 2017

Coordenação
Carlos Tavares da Silva
Joaquina Soares



Setúbal Arqueológica

Vol. 20 | 2021

Propriedade	MAEDS/AMRS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/ /Associação de Municípios da Região de Setúbal
Direcção	Carlos Tavares da Silva Joaquina Soares
Coordenação do volume	Carlos Tavares da Silva Joaquina Soares
Capa	Ana Castela
Desenho de campo	David Jesus, Jorge Feio, Jorge Costa [†] , Júlio Costa e Teresa Rita Pereira
Desenho de materiais	Françoise Mayet, Inês Conde, João Pimenta e Teresa Rita Pereira
Mapas	Paula Covas
Fotografia	Arquivo MAEDS, Carlos Tavares da Silva, Joaquina Soares e Rosa Nunes
Inventário	Fernanda Fino, Teresa Rita Pereira, Susana Duarte e Virgínia Ajuda
Restauro	Paula Palmeira
Paginação e artes finais	Ana Castela e Paula Covas
Impressão	Tipografia Belgráfica Lda.

Informações e permutas Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal
Avenida Luisa Todi, 162 - 2900-451 Setúbal (Portugal)
Tel.: +351 265 239 365/265 534 029
E-mail: maeds@amrs.pt
Site: <http://maeds.amrs.pt/>
Blog: <http://maedseventosactividades.blogspot.pt/>

ISSN 0872-3451

Depósito Legal 494630/22

Copyright® Setúbal Arqueológica e autores, 2021
Todos os direitos reservados. Este livro ficará disponível em
open access: <http://maeds.amrs.pt/setubalarqueologica.html>

LISTA DE AUTORES

Adriana Leite

Interdisciplinary Center for Archaeology and Evolution of Human Behaviour (ICArEHB; Universidade do Algarve)
<https://orcid.org/0000-0001-6721-743X>

Ana Elisabete Pires

Grupo ARCHGEN, BIOPOLIS/CIBIO-InBIO, Universidade do Porto.
ana.elisabete.pires@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-1118-8569>

Anders Götherström

Centre for Palaeogenetics, Stockholm University, Sweden.
<https://orcid.org/0000-0001-8579-1304>

Antónia Coelho-Soares

MAEDS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/AMRS - Associação de Municípios da Região de Setúbal.
antonia.c.soares@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-6361-7062>

Carlos Tavares da Silva

MAEDS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/AMRS - Associação de Municípios da Região de Setúbal. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa – UNIARQ.
ctavaressilva@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-0447-9237>

Catarina Ginja

Grupo ARCHGEN, BIOPOLIS/CIBIO-InBIO, Universidade do Porto.
catarinaginja@cibio.up.pt
<https://orcid.org/0000-0003-2278-7089>

Cleia Detry

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - UNIARQ.
cleiadetry@campus.ul.pt
<https://orcid.org/0000-0002-5359-2500>

Elisa de Sousa

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - UNIARQ.
e.sousa@campus.ul.pt
<https://orcid.org/0000-0003-3160-108X>

João Pimenta

Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira (CEAX). Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa – UNIARQ.
joao.marques@cm-vfxira.pt
<https://orcid.org/0000-0001-5149-5566>

Joaquina Soares

MAEDS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/AMRS - Associação de Municípios da Região de Setúbal. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa – UNIARQ.
joaquinasoares1@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-5957-3354>

José Antonio Correa Rodríguez

Catedrático Emérito de la Universidad de Sevilla
jacorrea@us.es

Maria Leonor Ferreira

Faculdade de Ciências, Universidade do Porto.
<https://orcid.org/0000-0002-5991-4101>

Noé Conejo

Departamento de Prehistoria y Arqueología. Universidad de Sevilla
nconejo@us.es
<https://orcid.org/0000-0002-4367-5695>

Ricardo Miguel Godinho

Interdisciplinary Center for Archaeology and Evolution of Human Behaviour (ICArEHB; Universidade do Algarve)
<https://orcid.org/0000-0003-0107-9577>

Sílvia de Lima Guimarães Chiarelli

Grupo ARCHGEN, BIOPOLIS/CIBIO-InBIO, Universidade do Porto.
<https://www.cienciavtae.pt/portal/FE19-D7B4-3750>

Silvia Valenzuela-Lamas

Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC), Institució Milà i Fontanals, Archaeology of Social Dynamics, Barcelona, Spain.
<https://orcid.org/0000-0001-9886-0372>

Susana Duarte

MAEDS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/AMRS - Associação de Municípios da Região de Setúbal.
cea.maeds@amrs.pt
<https://orcid.org/0000-0001-6071-9680>

Susana Estrela

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - UNIARQ.
estrela.susana@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-1303-0829>

Teresa Rita Pereira

MAEDS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/AMRS - Associação de Municípios da Região de Setúbal. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa – UNIARQ.
t.pereira.maeds@amrs.pt
<https://orcid.org/0000-0003-2764-7210>

Vincenzo Soria

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - UNIARQ.
vinso84@hotmail.it
<https://orcid.org/0000-0002-2891-6681>

ÍNDICE

- 9 O SÍTIO, A PAISAGEM, OS ECOFACTOS...**
- 11 I. Introdução**
Joaquina Soares
Carlos Tavares da Silva
- 27 II. Chibanes. As campanhas de 1996-2017 e a periodização da ocupação humana**
Carlos Tavares da Silva
Joaquina Soares
Antónia Coelho-Soares
Susana Duarte
Teresa Rita Pereira
- 45 III. Chibanes. Organização do espaço edificado durante a Idade do Ferro e o Período Romano Republicano**
Carlos Tavares da Silva
Joaquina Soares
Susana Duarte
- 65 IV. Contextos antropológicos do Castro de Chibanes**
Ricardo Miguel Godinho
Adriana Leite
- 73 V. Enterramentos infantis em espaço residencial**
Joaquina Soares
Susana Duarte
- 77 VI. O estudo da fauna dos níveis da Idade do Ferro do Castro de Chibanes (Palmela, Portugal)**
Cleia Detry
Carlos Tavares da Silva
Joaquina Soares
- 87 VII. Genomic analysis of cattle from the Roman Republican fortification of Chibanes, Palmela, Portugal**
Maria Leonor Ferreira
Sílvia de Lima Guimarães Chiarelli
Joaquina Soares
Carlos Tavares da Silva
Cleia Detry
Silvia Valenzuela-Lamas
Anders Götherström
Ana Elisabete Pires
Catarina Ginja
- 103 CULTURA MATERIAL: CERÂMICA**
- 105 VIII. As taças helenísticas com decoração a molde**
Elisa de Sousa

- 109 IX. A cerâmica tipo Kuass
Elisa de Sousa
- 113 X. Caracterização morfo-estratigráfica das cerâmicas de verniz negro itálico e imitações de Chibanes
Vincenzo Soria
- 121 XI. Chibanes. Cerâmica de paredes finas
Antónia Coelho-Soares
- 131 XII. A cerâmica cinzenta
Elisa de Sousa
- 149 XIII. A cerâmica comum
Elisa de Sousa
Teresa Rita Pereira
- 229 XIV. As ânforas de Chibanes
João Pimenta
- 279 XV. Fiação, tecelagem e costura
Teresa Rita Pereira
Joaquina Soares
Carlos Tavares da Silva
- 293 XVI. Signos epigráficos en Chibanes (Palmela)
José Antonio Correa Rodríguez
- 303 METAIS, NUMISMAS E ADORNOS**
- 305 XVII. Os artefactos metálicos
Teresa Rita Pereira
- 347 XVIII. Uso y circulación de moneda en Castro de Chibanes (Palmela, Setúbal): siglos II – I a.C.
Noé Conejo
- 357 XIX. Adornos de Chibanes
Susana Estrela
- 377 INTEGRAR E CONCLUIR**
- 379 XX. Cultura material e sociedade: as conclusões possíveis
Joaquina Soares
Carlos Tavares da Silva

A cerâmica cinzenta

Elisa de Sousa*

Introdução

A cerâmica cinzenta é uma categoria recorrente nos repertórios artefactuais da costa ocidental atlântica deste o início da Idade do Ferro, sendo facilmente reconhecível pela sua tonalidade escura, obtida intencionalmente através de uma cozedura e arrefecimento em ambientes redutores, e pelo cuidado dos seus acabamentos, que recorrem, com frequência, ao polimento (Vallejo Sánchez, 2015).

Constituiu, ao longo de mais de cinco centúrias, um dos principais componentes dos serviços de mesa desta região, sendo utilizada por comunidades com distintas matrizes culturais (ver, entre outros, Fabião, 1998; Arruda, 1999-2000; Mayet e Tavares da Silva, 2000; Vallejo Sánchez, 2015; Sousa, 2021). Talvez devido a esta preferência secular, a utilização de recipientes de cerâmica cinzenta no Ocidente Atlântico manteve-se também durante a época romano-republicana, ao contrário do que se verifica, por exemplo, mais a sul, na costa do Algarve (Sousa, 2009; Sousa e Arruda, 2010). Com efeito, no litoral centro do território português, observa-se, durante este período, não apenas a perduração de algumas morfologias perpétuas das tradições pré-romanas, mas também a adição de novos tipos que se relacionam, directa e indirectamente, com o processo de conquista romana, um fenómeno bem documentado em outras zonas da Península Ibérica (ver, entre outros, Adroher Auroux, 2014).

No Castro de Chibanes, esta categoria cerâmica encontra-se bem representada no conjunto com 256 fragmentos classificáveis (176 NMI), tendo sido

adoptados os mesmos critérios de quantificação aplicados à cerâmica comum, considerando-se, uma vez mais, apenas os exemplares recolhidos em contextos arqueológicos conservados e sem material intrusivo evidente.

No que diz respeito à representatividade da cerâmica cinzenta nas distintas fases de ocupação do Castro de Chibanes, apenas 16% (28 NMI) do conjunto foi recolhido nos níveis da Fase II (final da Idade do Ferro), pertencendo 40% (70 NMI) à Fase IIIA e 44% (78 NMI) à Fase IIIB, enquadráveis entre o final do século II e meados do século I a.C. Os dados recolhidos neste sítio destacam-se sobretudo pela potencialidade em caracterizar as especificidades tipológicas da cerâmica cinzenta do litoral centro do território português durante os momentos finais do 1º milénio a.C. e, paralelamente, compreender os padrões do seu consumo durante a fase do processo da conquista romana.

Os fabricos

A cerâmica cinzenta do Castro de Chibanes apresenta alguma homogeneidade nos fabricos, tendo sido possível, ainda assim, distinguir três grandes grupos a nível macroscópico. No que diz respeito à sua nomenclatura, optou-se por seguir a sequência numérica dos grupos anteriormente definidos para a cerâmica comum, de forma a evitar repetições.

Em dois fragmentos (2 NMI) não foi, infelizmente, possível proceder à sua atribuição aos grupos pré-definidos devido a alterações pós-deposicionais.

* Universidade de Lisboa / Faculdade de Letras / UNIARQ – Centro de Arqueologia
e.sousa@campus.ul.pt
<https://orcid.org/0000-0003-3160-108X>

FABRICO 13

Neste grupo integraram-se fragmentos com pastas compactas e relativamente depuradas, sendo o núcleo de tonalidade rosada ou alaranjada, por vezes com um veio central mais escuro, e superfícies cinzentas. A análise macroscópica dos fragmentos permitiu identificar a presença de micas prateadas, calcites e quartzos, todos de pequena dimensão, surgindo, em alguns casos, partículas negras, por vezes brilhantes. As superfícies dos exemplares aqui incluídos são predominantemente polidas. Assemelha-se ao Grupo A definido para o Castelo de Alcácer do Sal (Tavares da Silva *et al.*, 1980-1981) e Fabricos A.1 e A.2 da necrópole (Gomes, 2016).

Corresponde ao fabrico mais numeroso do conjunto de cerâmica cinzenta, com 48% (Fase II – 14 NMI; Fase IIIA – 37 NMI; Fase IIIB – 33 NMI).

FABRICO 14

Este segundo grupo reúne peças com pastas menos compactas e depuradas, com tonalidades predominantemente cinzentas escuras. No que diz respeito aos elementos não plásticos, cabe destacar uma presença mais frequente de partículas de quartzo, assim como inclusões de calcites e micas. Ao contrário dos restantes fabricos, os exemplares deste grupo apresentam as superfícies menos cuidadas, sendo, na maioria dos casos, apenas alisadas, e só raramente polidas.

Corresponde ao grupo de fabrico menos recorrente no conjunto da cerâmica cinzenta, com 22% (Fase II – 4 NMI; Fase IIIA – 14 NMI; Fase IIIB – 21 NMI).

FABRICO 15

O último fabrico da cerâmica cinzenta do Castro de Chibanes apresenta características muito semelhantes às do grupo 13, distinguindo-se apenas pela tonalidade das pastas, que, neste caso específico, são sistematicamente de cor cinzenta, podendo oscilar entre tons mais escuros ou mais claros. Contudo, as restantes características intrínsecas, como a frequência e natureza dos elementos não plásticos e os tratamentos de superfície, são idênticos aos descritos no referido grupo. Poderá equivaler ao Grupo B do Castelo de Alcácer do Sal (Tavares da Silva *et al.*, 1980-1981) e da respectiva necrópole (Gomes, 2016).

No que diz respeito à sua representatividade, corresponde ao segundo fabrico mais recorrente do conjunto, com 29% (Fase II – 9 NMI; Fase IIIA – 18 NMI; Fase IIIB – 24 NMI).

COMENTÁRIO

Atribuir proveniências aos fabricos da cerâmica cinzenta é uma tarefa difícil, sobretudo quando a sua caracterização depende apenas de observações macroscópicas. Ainda assim, os grupos anteriormente definidos são similares, em vários aspectos, a alguns dos fabricos da cerâmica comum considerada de origem local/regional, permitindo equacionar uma mesma proveniência. Não podemos, ainda assim, deixar de referir que características quase idênticas ocorrem nos repertórios artefactuais de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo (Sousa, 2014), zona onde a utilização destes vasos atinge, tal como no Baixo Sado, também o período romano. Assim, a possibilidade

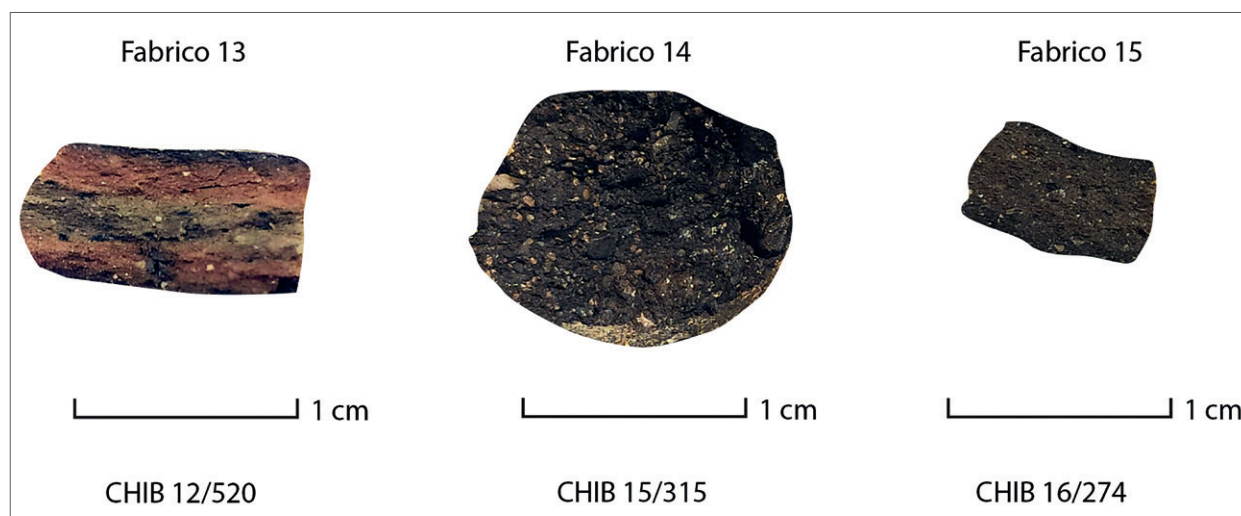


Fig. 1 - Fotografias dos fabricos da cerâmica cinzenta do Castro de Chibanes (grupos 13 a 15).

de, pelo menos, algumas peças do Castro de Chibanes poderem ter sido elaboradas nessa região, ou mesmo em outras mais interiores, não pode ser descartada até à disponibilização de dados arqueométricos.

Um outro aspecto que deve ser assinalado é o facto de os fabricos que denotam um maior cuidado na sua execução (fabricos 13 e 15), sobretudo ao nível do acabamento polido das superfícies, serem dominantes no conjunto (mais de dois terços do total). Esta situação relaciona-se não só com a continuidade de tradições oleiras pré-romanas, bem enraizadas no litoral ocidental atlântico, mas também com uma das funcionalidades primárias dos recipientes de cerâmica cinzenta, que é justamente a sua utilização enquanto serviço de mesa.

As formas

À semelhança do que ocorreu com a cerâmica comum, também no caso das produções cinzentas foi necessário criar um quadro tipológico próprio para organizar e sistematizar a variabilidade formal do conjunto do Castro de Chibanes. Ainda que existam múltiplas tipologias referentes a esta categoria específica, a grande maioria é referente aos repertórios da Idade do Ferro, sendo insuficientes para a classificação das produções mais tardias. Tal como já ocorreu para a cerâmica comum, o quadro tipológico que é aqui apresentado assume um carácter provisório, que deverá ser futuramente alargado.

No que diz respeito à sua estrutura, utilizaram-se os mesmos critérios morfo-funcionais estabelecidos para a cerâmica comum, tendo-se distinguido os seguintes tipos: tigelas, páteras, pequenos potes, recipientes de armazenamento, jarras, unguentários/jarrinhas, tampas e formas singulares / imitações de cerâmica itálica de verniz negro. Os perfis gerais das peças e especificidades morfológicas justificam, respectivamente, e quando se considerou necessário, a determinação de variantes e sub-variantes.

TIPO 1 – TIGELAS/TAÇAS

Estes recipientes abertos e com alguma profundidade correspondem ao tipo mais frequente dos repertórios de cerâmica cinzenta ao longo de todo o 1º milénio a.C., sendo utilizados preferencialmente para o consumo de líquidos ou semi-líquidos.

No Castro de Chibanes contabilizam-se 35 indivíduos deste tipo morfo-funcional, cuja variabilidade de perfis permite a distinção de cinco variantes específicas.

A primeira, variante 1.A, caracteriza-se pelo seu perfil semi-hemisférico, paredes arqueadas e bordo de secção arredondada, podendo este ser mais ou menos engrossado. É uma morfologia transversal a toda a Idade do Ferro, estando bem documentada em vários sítios do Baixo Sado, como é o caso de Abul (Mayet e Tavares da Silva, 2000), Setúbal (Soares e Tavares da Silva, 1986) e de Alcácer do Sal, neste caso quer no povoado (Tavares da Silva *et al.*, 1980-1981; Arruda *et al.*, 2021), quer na necrópole (Gomes, 2016). No Castro de Chibanes, esta variante está representada por 11 indivíduos recolhidos em níveis conservados, pertencendo três à Fase II, outros três à Fase IIIA e cinco à Fase IIIB.

A segunda variante, 1.B, distingue-se da anterior pela tendência troncocónica das paredes, sendo, uma vez mais, o bordo arredondado e, por norma, espessado. Peças semelhantes surgem nos níveis pré-romanos de Abul (Mayet e Tavares da Silva, 2000) e em Alcácer do Sal (Tavares da Silva *et al.*, 1980-1981; Gomes, 2016; Arruda *et al.*, 2021). Esta morfologia está documentada, no Castro de Chibanes, por sete exemplares (Fase II – 2 NMI; Fase IIIA – 3 NMI; Fase IIIB – 2 NMI).

Resta ainda acrescentar que 13 exemplares não permitiram uma classificação mais específica devido ao seu estado de conservação, ainda que pertençam seguramente a uma das variantes anteriores (Fase II – 2 NMI; Fase IIIA – 6 NMI; Fase IIIB – 5 NMI).

De qualquer forma, as variantes 1.A e 1.B constituem morfologias cronologicamente transversais à Idade do Ferro e ao período romano republicano. E ainda que os contextos desta última fase sejam, até ao momento, francamente escassos no Baixo Sado, os dados do Castro de Chibanes permitem equacionar a perduração destas formas na região durante as últimas duas centúrias do 1º milénio a.C., à semelhança do que ocorre em outras áreas geográficas da Península Ibérica.

A variante 1.C tem especificidades mais singulares, concretamente uma dimensão mais reduzida e, sobretudo, a presença de um bordo reentrante. Como já foi referido no estudo da cerâmica comum, estas características parecem vincular-se sobretudo a influências das produções áticas, que se enraizaram de forma profunda nas tradições pré-romanas, perpetuando-se durante toda a 2ª Idade do Ferro e transitando, com algum êxito, para o período romano-republicano. Infelizmente, no Castro de Chibanes apenas um exemplar (1 NMI) desta forma foi recolhido em níveis conservados, mais concretamente da Fase IIIA (Fig. 9), ainda que outros tenham sido reconhecidos em

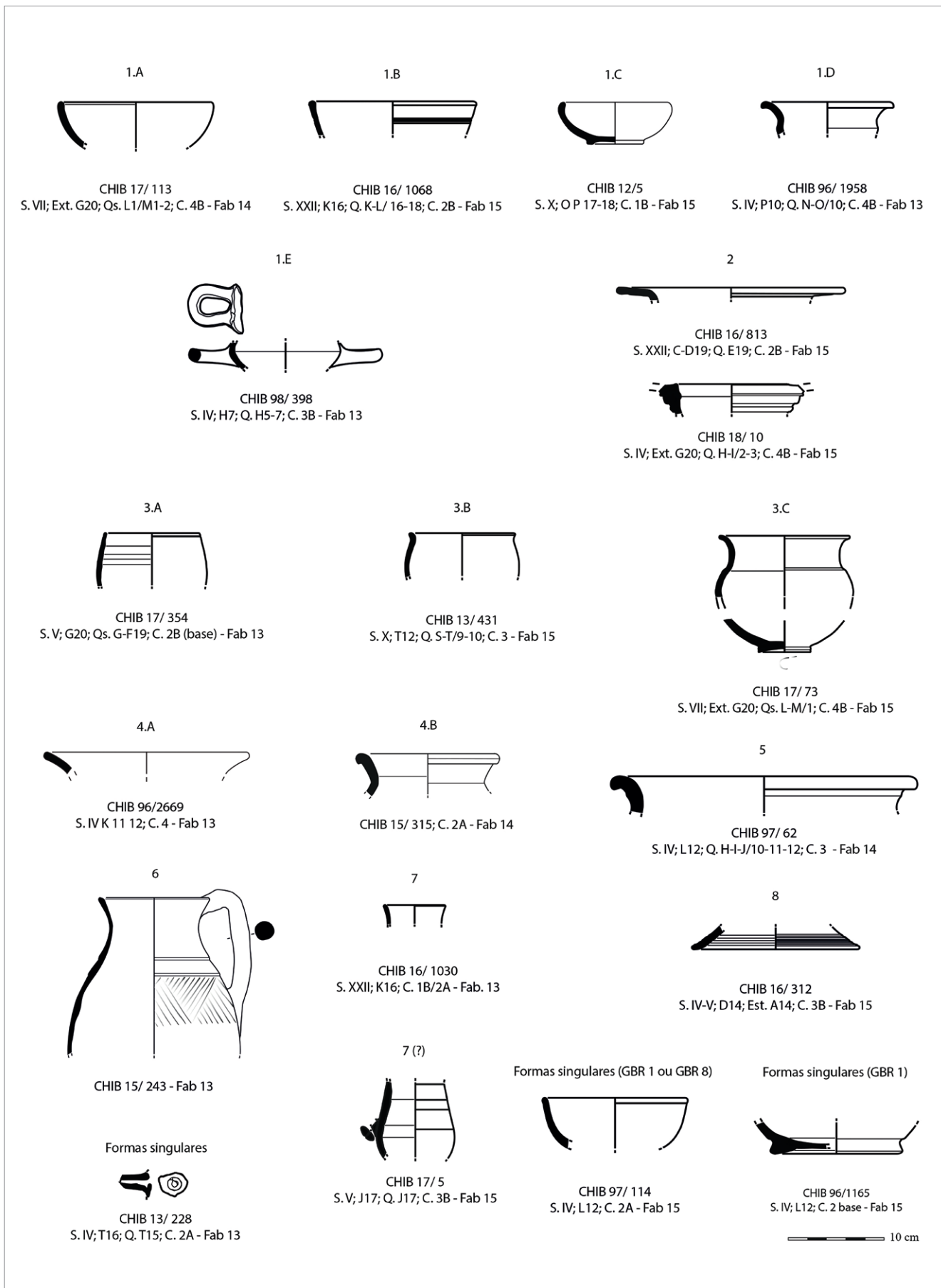


Fig. 2 - Quadro tipológico da cerâmica cinzenta do Castro de Chibanes: 1 - Tigelas; 2 - Páteras ?; 3 - Pequenos potes; 4 - Potes; 5 - Grandes recipientes; 6 - Jarros; 7 - Unguetários/jarrinhas; 8 - Tampas; Formas singulares.

contextos revolidos e de superfície (Fig. 13). Ainda assim, cabe assinalar que esta forma de cerâmica cinzenta foi já reconhecida no Baixo Sado, concretamente em Alcácer do Sal, infelizmente sem dados contextuais precisos (Arruda *et al.*, 2021).

A quarta variante, 1.D, distingue-se pelo seu perfil carenado, sendo o bordo exvertido. Esta forma aproxima-se de uma morfologia de cerâmica cinzenta detectada na necrópole de Alcácer do Sal, integrada no tipo II.4 (Gomes, 2016, p. 153). Ainda assim, a sua associação aos “lebrillos” não parece ser a mais correcta, sobretudo quando se consideram os diâmetros quer das peças da necrópole (entre 14 e 17 cm), quer do exemplar do Castro de Chibanes (13 cm). Estas dimensões permitem talvez considerar uma função mais ligada ao serviço de mesa para esta morfologia. Apenas um exemplar da variante 1.D do Castro de Chibanes foi recolhido num nível conservado, da Fase II (Fig. 8), situação que poderá relacionar esta variante exclusivamente com o repertório da fase final da Idade do Ferro.

E, por último, a variante 1.E distingue-se das anteriores pelas suas características singulares. Corresponde a recipientes de perfil carenado, tal como no caso anterior, mas que exibem asas horizontais, uma característica que se pode relacionar, uma vez mais, com influências de protótipos gregos, e que permitem a sua vinculação ao consumo de líquidos (Sousa, 2016; Sousa e Pimenta, 2017). No Castro de Chibanes, apenas dois exemplares foram recolhidos em contextos conservados, pertencendo à Fase II (1 NMI), do final da Idade do Ferro (Fig. 7), e IIIA (1 NMI), do início do período romano-republicano (final do século II / início do século I a.C.). Com efeito, estes dados cronológicos são consistentes com os recolhidos no estuário do Tejo, onde estes recipientes foram designados como tipo 3G (Sousa, 2021). Aqui, cabe destacar os dados de Lisboa, onde esta morfologia foi reconhecida em contextos muito tardios da Idade do Ferro, datados entre o final do século III a.C. e meados da centúria seguinte (Rua de São João da Praça - Pimenta, Calado e Leitão, 2014; Teatro Romano de Lisboa – Sousa e Pimenta, 2017) e no edifício do Beco do Forno n.º 16-20, neste caso num nível datado do terceiro quartel do século II a.C. (Pimenta *et al.*, 2014). Resta referir que a forma foi também documentada na colecção do Castro de Chibanes resultante das intervenções de A. I. Marques da Costa (Pimenta *et al.*, 2019), e também em outros sítios do Baixo Sado, mais concretamente na gruta da Lapa do Fumo (Arruda e Cardoso, 2013) e em Alcácer



Fig. 3 - Taça do tipo 1.C do Castro de Chibanes.



Fig. 4 - Taça do tipo 1.E do Castro de Chibanes.

do Sal (Sousa e Pimenta, 2017), ainda que se desconheça o seu contexto arqueológico primário.

TIPO 2 – PÁTERAS

Neste segundo tipo englobaram-se dois fragmentos, infelizmente mal conservados, mas cujas especificidades morfológicas recordam uma forma bem documentada no estuário do Tejo, e que foi designada como “pátera”.

No Castro de Chibanes, os fragmentos que podem ser associados a esta forma foram recolhidos na Fase II (1 NMI) e na Fase III B (1 NMI) (Fig. 12). Um deles corresponde a um bordo muito aplanado, de tendência horizontal, que recorda as páteras de cerâmica de engobe vermelho (forma 4A – Sousa, 2014, p. 123-124) e de cerâmica comum (forma 4A e 4B – Sousa, 2014, p. 159-160) recolhidas em vários sítios da foz do Tejo (Barros *et al.* 1993; Sousa, 2014; Arruda *et al.*, 2017). Mais evidente é o fragmento pertencente

ao reservatório central destas peças, que apresenta múltiplas molduras na zona externa, uma característica recorrente nesta morfologia. Ainda que o fabrico desta forma surja, durante a Idade do Ferro, sobretudo nas produções de cerâmica de engobe vermelho e de cerâmica comum da segunda metade do 1º milénio a.C., existem já alguns dados que permitem reconhecer a sua reprodução também no repertório das cerâmicas cinzentas (Sousa, 2021, p. 155). Os dados do Castro de Chibanes são particularmente interessantes permitindo não só documentar esta morfologia, pela primeira vez, no Baixo Sado, mas também em fases cronológicas bastante mais tardias, podendo atingir o período romano-republicano. Ainda assim, deve assumir-se que estas páteras se encontram escassamente conservadas no conjunto artefactual, pelo que é prudente esperar por dados mais consistentes para corroborar esta leitura.

TIPO 3 – PEQUENOS POTES

Estes vasos fechados, de dimensões consideravelmente reduzidas, têm uma longa tradição na costa ocidental atlântica peninsular, que remonta inclusive a fases antigas da Idade do Ferro (Sousa, 2021). Trata-se de recipientes utilizados preferencialmente para o consumo de líquidos, recorrentes nos repertórios artefactuais do Baixo Sado (Gomes, 2016) e do estuário do Tejo (ver, entre outros, Arruda, 1999-2000; Arruda, Freitas e Vallejo Sánchez, 2000; Pimenta, Calado e Leitão, 2014; Sousa, 2014, 2021).

No Castro de Chibanes, contabilizaram-se 11 exemplares deste tipo, divisíveis em três variantes distintas, tendo em consideração as características, ou ausência, do colo (Fig. 2).

A primeira, variante 3.A, integra vasos de corpo ovalado, sem colo, sendo o bordo ligeiramente reentrante e de secção arredondada. Apenas um exemplar deste tipo foi recolhido em contextos conservados, mais concretamente da Fase IIIB, datada do segundo quartel do século I a.C. (Fig. 11). Atendendo à sua cronologia, mas sobretudo ao perfil da peça, não é impossível considerar que possa ser uma forma inspirada nos copos de paredes finas, relativamente bem documentados no local.

A mesma situação pode aplicar-se à variante sucessiva (3.B), com colo curto, corpo ovalado e bordo ligeiramente exvertido. Também neste caso um único exemplar foi recolhido em contextos conservados, mais especificamente da Fase IIIA, de finais do século II/inícios do século I a.C. (Fig. 12).

A terceira variante, 3.C, é mais claramente associável às tradições que precedem o período romano. Trata-se de vasos com um colo mais desenvolvido e bordo exvertido, de secção arredondada, sendo o corpo mais globular. Um dos exemplares do Castro de Chibanes possibilitou uma reconstituição quase integral do perfil, permitindo atribuir a esta morfologia bases convexas, com pé destacado. Esta variante encontra paralelos muito próximos nos conjuntos artefactuais do estuário do Tejo, mais especificamente com o tipo 3Ba, datado entre o final do século VI e o século IV/III a.C. (Sousa, 2021). Esta é a variante mais bem documentada no Castro de Chibanes, com nove indivíduos, recolhidos em níveis da Fase II (4 NMI) e da Fase IIIA (5 NMI), estando ausente na fase mais tardia de ocupação do sítio.

TIPO 4 – POTES

Neste quarto tipo integraram-se recipientes com diâmetros superiores aos anteriores, indiciando que a sua funcionalidade estaria talvez mais direcionada para o armazenamento e não para o serviço de mesa. É uma das formas mais representativas do Castro de Chibanes, com 22 indivíduos, sendo divisíveis em duas variantes (Fig. 2).

A primeira, variante 4.A, caracteriza-se por apresentar um bordo exvertido, de secção simples e arredondada. Ainda que os exemplares aqui integrados se encontrem bastante fragmentados, anunciam um colo relativamente desenvolvido e talvez estrangulado. Equivale, possivelmente, ao tipo 4Aa do estuário do Tejo, cronologicamente integrável entre o século VI e o século IV/III a.C. (Sousa, 2021). No Castro de Chibanes, esta forma está representada, ainda que com poucos exemplares, em todas as fases de ocupação (Fase II – 1 NMI; Fase IIIA – 2 NMI; Fase IIIB – 2 NMI).

A segunda variante, 4.B, distingue-se pela presença de um bordo bem assinalado na superfície externa, e por um colo mais curto e estrangulado. Poderá fazer-se uma correspondência entre esta forma e o tipo 4Ca do estuário do Tejo, produzido entre o século VI e o século IV/III a.C. (Sousa, 2021). Contudo, os fragmentos da variante 4.B do Castro de Chibanes foram, até ao momento, recolhidos apenas em níveis do período romano-republicano (Fase IIIA – 8 NMI; Fase IIIB – 9 NMI).

A nível regional, cabe ainda referir que ambas as variantes definidas para o Castro de Chibanes assemelham-se, morfologicamente, a exemplares da necrópole

do Olival do Senhor dos Mártires, mais concretamente aos do tipo V.1 de Gomes (2016, p. 157-159).

TIPO 5 – GRANDES RECIPIENTES

Os recipientes do tipo 5 (Fig. 2) distinguem-se dos anteriores, particularmente da variante 4.B, apenas pela sua dimensão que, neste caso, é claramente superior, tendo sensivelmente o dobro da amplitude. Uma vez mais, trata-se de recipientes com colo pouco desenvolvido, bordo exvertido e bem assinalado na superfície externa, sendo a sua secção arredondada. A sua funcionalidade seria também o armazenamento de alimentos.

No Castro de Chibanes, esta morfologia conta com 17 indivíduos, recolhidos nas três fases de ocupação (Fase II – 1 NMI; Fase IIIA – 5 NMI; Fase IIIB – 11 NMI).

TIPO 6 – JARRAS

Neste tipo (Fig. 2) foram englobadas as jarras de cerâmica cinzenta, destinadas ao serviço de líquidos à mesa. Estes recipientes apresentam um corpo de perfil ovalado, colo desenvolvido e ligeiramente estrangulado, podendo ser marcado por caneluras e/ou saliências. O bordo é sempre exvertido, apresentando, na maior parte dos casos, uma secção simples e arredondada, e em raras ocasiões, assinalado na superfície externa. Em algumas peças com o bocal mais bem conservado observa-se um perfil trilobado. Não é, contudo, ainda completamente claro se esta característica é partilhada por todos estes recipientes ou se está presente apenas em algumas peças. De qualquer forma, os exemplares mais completos exibem sempre a presença de uma asa, que arranca da zona do bordo e se fixa na parte superior do corpo, sendo a sua secção, por norma, circular. No que diz respeito às bases, estas podem ser aplanadas ou ligeiramente convexas, podendo, inclusive, exibir um pé anelar. Em muitos exemplares detecta-se ainda a aplicação de decoração brunida na zona superior do corpo, com motivos sobretudo reticulados, mas, num caso, também de forma triangular (Fig. 9). Neste âmbito, não poderíamos deixar de mencionar a extraordinária peça desta morfologia proveniente das escavações de A. I. Marques da Costa no Castro de Chibanes (Pimenta *et al.*, 2019), com decoração figurativa.

Esta forma de cerâmica cinzenta é bem conhecida no estuário do Tejo, destacando-se, ao nível dos contextos conservados, os dados de Lisboa, mais

concretamente da Rua de São João da Praça, onde estas jarras surgem em níveis muito tardios da Idade do Ferro (Pimenta, Calado e Leitão, 2014), e na zona do Castelo de São Jorge, já em contextos romano-republicanos do terceiro quartel do século II a.C. (Pimenta, 2005; Pimenta *et al.*, 2014). No Castro de Chibanes, esta é a forma mais bem representada no conjunto da cerâmica cinzenta, com 53 indivíduos, sendo transversal às três fases de ocupação (Fase II – 8 NMI; Fase IIIA – 26 NMI; Fase IIIB – 19 NMI). Deve ainda assinalar-se que é o único tipo do repertório da cerâmica cinzenta que apresenta decoração.

A utilização de jarras no serviço de líquidos à mesa é uma tradição que, na costa ocidental atlântica, tem as suas raízes na Idade do Ferro, tendo-se acentuado sobretudo a partir dos meados do 1º milénio a.C. Com efeito, estes recipientes de cerâmica cinzenta são bem conhecidos na foz do Tejo (ver síntese recente em Sousa, 2021), tendo o seu número incrementado também no Baixo Sado durante os últimos anos (Gomes, 2016; Arruda *et al.*, 2021). Contudo, a presença, nas jarras do Castro de Chibanes, mas também de outros locais do litoral atlântico (Pimenta *et al.*, 2019, p. 60-62), de um bocal trilobado parece ser um aspecto que indicia uma cronologia mais tardia. Ainda que estes bocais trilobados tenham sido utilizados durante a fase orientalizante, esta singularidade parece perder-se, pelo menos na zona atlântica, durante grande parte da 2ª Idade do Ferro, pelo menos no que concerne os vasos cerâmicos. Com efeito, todas as jarras recolhidas em contextos conservados desta fase, e independentemente da sua categoria (comum, cinzenta, engobe vermelho), exibem bocais circulares, estando ausentes os bicos vertedores. A (re) introdução desta particularidade pode encontrar-se já associada a influências (directas ou indirectas) do mundo itálico (Pinto e Schmitt, 2010, p. 282), que se fizeram sentir em várias áreas da Península Ibérica a partir da 2ª Guerra Púnica.

TIPO 7 – UNGUENTÁRIOS/JARRINHAS

Este sétimo grupo (Fig. 2) inclui recipientes de pequenas dimensões que provavelmente estão relacionados com funções de cariz cosmético ou sumptuário, sendo fundamentalmente contentores de substâncias líquidas ou semi-líquidas com algum valor (como por exemplo perfumes, óleos perfumados ou unguentos).

No Castro de Chibanes recolheram-se sete exemplares atribuídos a esta morfologia, infelizmente

bastante mal conservados. A maioria corresponde a fragmentos com diâmetro diminuto, sendo o bordo exvertido, com secção arredondada, e em alguns casos assinalado na zona externa. O colo parece ser pouco desenvolvido, ainda que o estado de fragmentação não permita definir, com precisão, a morfologia da zona inferior. Ainda assim, um dos fragmentos que atribuímos a este tipo apresenta um corpo ovalado, tendo a particularidade de conservar ainda o arranque de uma asa (Fig. 11), permitindo a sua classificação como jarrinha, que, contudo, não implica uma funcionalidade diferenciada. Infelizmente, não é possível assegurar que estas características sejam partilhadas pelos restantes fragmentos, podendo equacionar-se também morfologias mais troncocónicas, semelhantes às detectadas na necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (forma VII/VIII de Gomes, 2016), ou talvez mesmo fusiformes, inspiradas nos modelos helenísticos difundidos a partir dos finais do 1º milénio a.C.

Os vasos de tipo unguentário/jarrinha do Castro de Chibanes foram recuperados apenas em níveis de época romano-republicana, pertencendo três à Fase IIIA, de final do século II / início do século I a.C., e quatro à Fase IIIB, do segundo quartel do século I a.C. Ainda que a sua ausência nos níveis pré-romanos possa dever-se a questões de amostragem, a maior presença destes recipientes nos níveis mais tardios do Castro de Chibanes pode relacionar-se com a vulgarização do seu uso a partir de época romana, um fenómeno que ocorre um pouco por toda a Península Ibérica.

TIPO 8 – TAMPAS

Uma única peça de cerâmica cinzenta do Castro de Chibanes pode integrar-se na categoria das tampas (Fig. 2). Trata-se de um fragmento de bordo ligeiramente aplanado e paredes oblíquas, cujo perfil está marcado, em ambas as superfícies, por uma série de caneluras. Este exemplar foi recolhido num nível

pertencente à Fase IIIA (Fig. 9).

Ainda que as tampas não sejam uma morfologia frequente no âmbito das produções cinzentas do Ocidente Peninsular, cabe destacar que foram reconhecidas na necrópole do Olival do Senhor dos Mártires, sendo, num caso, possível associá-la a um contexto funerário do século V/IV a.C. (Gomes, 2016, p. 167).

A sua presença em níveis de finais do século II / inícios do século I a.C. no Castro de Chibanes poderá indiciar que a sua utilização se prolonga, pelo menos, até esta fase.

FORMAS SINGULARES E IMITAÇÕES DE CERÂMICA DE VERNIZ NEGRO ITÁLICO

No conjunto de cerâmica cinzenta do Castro de Chibanes foi identificado um fragmento particular, correspondente a um bico para verter líquidos. Infelizmente, a peça encontra-se muito fraturada, não sendo possível compreender a morfologia do vaso correspondente. De qualquer forma, foi recolhida num nível da Fase IIIB, cuja cronologia se centra no segundo quartel do século I a.C. (Fig. 8).

Raros são também os recipientes que parecem inspirar-se ou mesmo imitar protótipos da cerâmica de verniz negro itálico. Trata-se, especificamente, de três indivíduos, correspondentes a dois fragmentos de bordo e um fundo. As características deste último, com pé de secção triangular e o início do corpo marcado por uma carena relativamente bem assinalada, recordam as taças da forma 1 de Lamboglia, típica sobretudo das produções itálicas calenas. Os fragmentos de bordo, por sua vez, recordam também esta última morfologia ou, em alternativa, a forma 8, ainda que se deva assinalar, num dos casos, a ausência das típicas caneluras que marcam a zona superior do bordo nos protótipos originais. Todos os fragmentos foram recuperados, tal como no caso anterior, em níveis da Fase IIIB (Figs. 7 e 12).

Quadro 1 - Chibanes, Fase II. Distribuição das formas de cerâmica cinzenta pelos grupos de fabrico.

	1A	1B	1A/B	1D	1E	2	3C	4A	4B	5	6	Ind.	Total
Fabrico 13	2	1		1	1		2			1	4	2	14
Fabrico 14	1						1				1	1	4
Fabrico 15			2			1	1	1			3	1	9
Fabrico ind.		1											1
Total	3	2	2	1	1	1	4	1		1	8	4	28

Quadro 2 - Chibanes, Fase IIIA. Distribuição das formas de cerâmica cinzenta pelos grupos de fabrico.

	1A	1B	1A/B	1C	1E	3B	3C	4A	4B	5	6	7	8	Ind.	Total
Fabrico 13	2	2	4		1		2	1	1	2	19	1		2	37
Fabrico 14	1			1			1	1	3	3	2	1		1	14
Fabrico 15		1	2			1	2		3	1	5	1	1	1	18
Fabrico ind.														1	1
Total	3	3	6	1	1	1	5	2	7	6	26	3	1	5	70

Quadro 3 - Chibanes, Fase IIIB. Distribuição das formas de cerâmica cinzenta pelos grupos de fabrico.

	1A	1B	1A/B	2	3A	4A	4B	5	6	7	Formas singulares	Imit. Camp.	Ind.	Total
Fabrico 13	1		4			1	2	2	11	2	1		9	33
Fabrico 14		1				1	3	8	3	1			4	21
Fabrico 15	4	1	1	1	1		4	1	5	1		3	2	24
Total	5	2	5	1	1	2	9	11	19	4	1	3	15	78

A existência de imitações de protótipos itálicos de cerâmica de mesa no quadro das produções cinzentas peninsulares é um fenómeno bastante abrangente no Ocidente, tendo sido proposta a sua designação de “*Gris Bruñida Republicana*” (Adroher Auroux, 2014, p. 285), categoria onde estes três fragmentos do Castro de Chibanes podem ser inseridos, mais concretamente no tipo GBR 1 ou GBR 8.

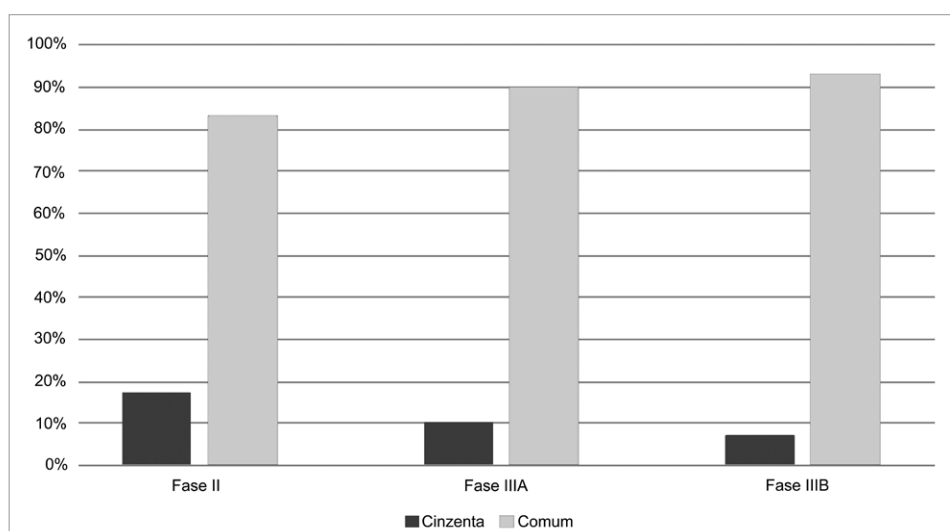
Estas imitações de cerâmica cinzenta correspondem a um fenómeno relativamente bem documentado na fachada central atlântica do território português (ver síntese recente em Soria, 2018), e que transita inclusivamente para o início da fase imperial, atendendo à existência de imitações de formas de *terra sigillata* em sítios como a Rua dos Correeiros, em Lisboa (Bugalhão *et al.*, 2013).

Comentário

Ainda que não seja particularmente numeroso, o conjunto de cerâmica cinzenta do Castro de Chibanes constitui um elemento que permite valorizar a permanência de tradições oleiras de origem pré-romana nos momentos mais tardios do 1º milénio a.C.

Como já foi referido anteriormente, este não é um fenómeno transversal a todo o Ocidente Peninsular, verificando-se unicamente nas áreas geográficas onde a produção destes recipientes se mantém ao longo de toda a 2ª Idade do Ferro, excluindo-se deste cenário a costa do Algarve (Sousa, 2009; Sousa e Arruda, 2010; Arruda *et al.*, 2011). Nesta zona meridional, os dados obtidos nos níveis da Idade do Ferro e do período romano-republicano de Faro e de Monte

Fig. 5 - Análise comparativa da representatividade da cerâmica cinzenta e da cerâmica comum (base NMI).



Molião demonstram a total ausência de produções cinzentas, com a pontual excepção de alguns recipientes ampuritanos que, ainda assim, correspondem a importações pontuais e não à manutenção de tradições precedentes.

A realidade que se observa no litoral do ocidente atlântico peninsular é, neste aspecto, distinta, e permite atribuir à cerâmica cinzenta do Baixo Sado e do estuário do Tejo um valor intrínseco enquanto marcador de uma certa continuidade cultural no âmbito das práticas quotidianas, e que se prolonga, inclusive, até à viragem da Era. Esta continuidade pode justificar-se, entre outros factores, pela funcionalidade dos recipientes produzidos em cerâmica cinzenta, destinados, primariamente, ao serviço de mesa, situação transversal à Idade do Ferro e ao período romano-republicano, e que denuncia a resiliência em manter certas tradições culturais associadas ao consumo de alimentos.

No caso concreto do Castro de Chibanes, a análise global do conjunto mostra certos aspectos de continuidade entre as diferentes fases cronológicas, mas também algumas dissidências que podem refletir transformações resultantes da integração do sítio na órbita cultural romana.

Entre os primeiros, cabe talvez destacar a representatividade destas produções nos repertórios artefactuais das três fases de ocupação, sobretudo em comparação com as produções de cerâmica comum.

Apesar de se notar um certo decréscimo do peso percentual da cerâmica cinzenta à medida que se avança na cronologia, e que se pode talvez justificar pela progressiva adopção de serviços de mesa itálicos, num quadro geral não se verificam drásticas alterações na importância que estes vasos têm nas práticas quotidianas do Castro de Chibanes. Esta convivência regista-se também em outras áreas próximas, como é o caso do estuário do Tejo, mas também em zonas mais interiores do Alentejo, onde podemos destacar o caso do Castelo da Lousa (Pinto e Schmitt, 2010), podendo associar-se a uma resiliência cultural em manter (distintas) tradições indígenas durante as fases iniciais do processo de romanização do Ocidente Peninsular.

A análise do conjunto do Castro de Chibanes permite, ainda assim, identificar certas tendências interessantes no quadro da sua leitura contextual e diacrónica.

Um primeiro aspecto incide sobre a representatividade das tigelas/taças (tipo 1). Na fase mais antiga (Fase II), esta morfologia é a mais recorrente no conjunto artefactual da cerâmica cinzenta (cerca de um terço do total de recipientes), diminuído à medida que se avança na cronologia. Este decréscimo provavelmente não se encontra associado a mudanças nas práticas de consumo de alimentos, mas sim à importação e adopção, durante a fase republicana, de vasos de verniz negro itálico que terão desempenhado

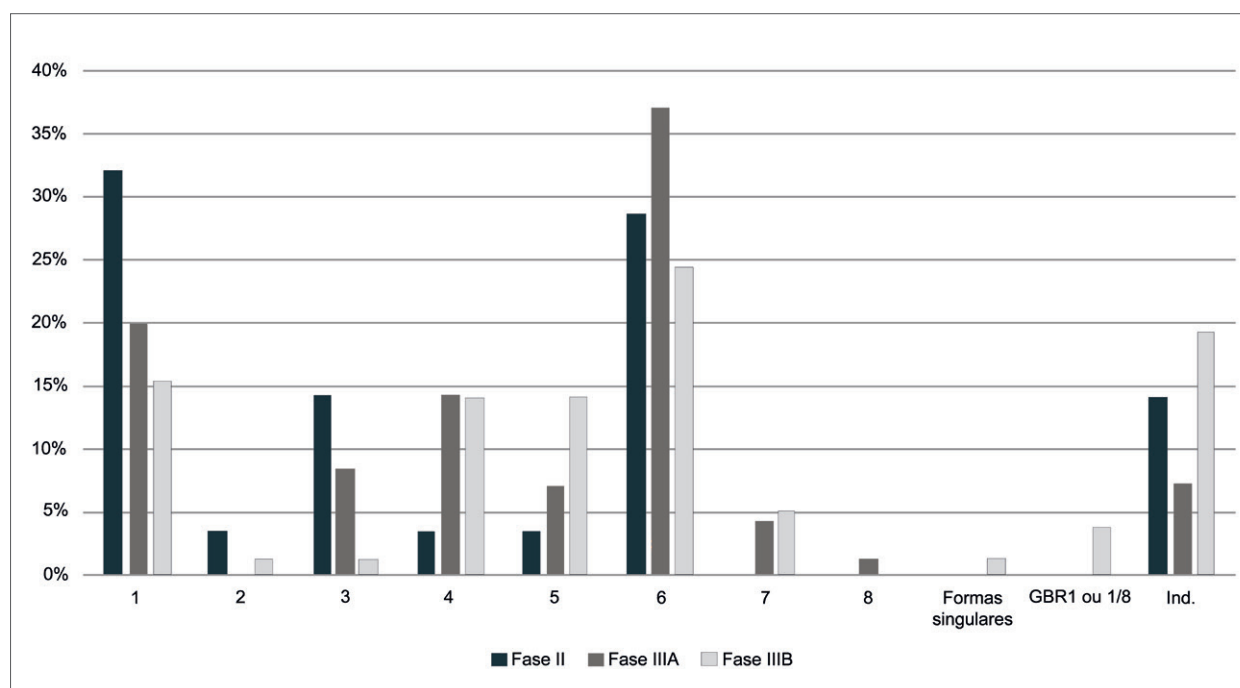


Fig. 6 - Cerâmica cinzenta por tipos com base em percentagens (base NMI).

a mesma funcionalidade, como por exemplo, as taças da forma 1 de Lamboglia. Um cenário similar pode aplicar-se para a tendência decrescente que se observa no tipo 3, sendo, neste caso, associável à incorporação de vasos de paredes finas para o consumo individual de líquidos. Ainda assim, deve assinalar-se a tímida tentativa de reprodução, entre o repertório da cerâmica cinzenta, de formas inspiradas nos protótipos itálicos quer da cerâmica de verniz negro (imitações GBR 1 e/ou 1/8), quer dos vasos de paredes finas (tipos 3.A e 3.B). Trata-se, contudo, de situações muito pontuais, e que não parecem ter tido grande sucesso entre a comunidade do Castro de Chibanes.

Uma segunda tendência interessante, e oposta à do cenário anterior, é o incremento da produção de vasos de armazenamento de média e grande dimensão (tipos 4 e 5) em fase romano-republicana, situação que se observa também no conjunto de cerâmica comum. Este fenómeno particular pode estar relacionado com alterações no seio das conjunturas económicas e comerciais da comunidade do Castro de Chibanes que, durante a fase romano-republicana, compelem à gestão e criação de uma maior capacidade de armazenamento de produtos alimentares.

Um outro aspecto marcante no conjunto da cerâmica cinzenta é a preferência na utilização de jarras no âmbito do serviço de mesa (forma 6), que corresponde a uma das morfologias mais bem representadas no sítio, sendo, inclusivamente, maioritária no repertório da cerâmica cinzenta da Fase IIIA e da Fase IIIB. Efectivamente, trata-se de uma situação singular que não tem, até ao momento, paralelo em outros contextos do Extremo Ocidente, ainda que se deva sublinhar que a publicação de conjuntos de idêntica cronologia é manifestamente escassa. Não obstante, esta preferência parece indiciar que o serviço de líquidos (e talvez especificamente de vinho) fosse uma prática recorrente entre a comunidade do Castro de Chibanes desde os momentos tardios da Idade do Ferro. Esta possibilidade não deixa de ser algo curiosa, considerando que a intensificação destes hábitos está normalmente associada ao processo de romanização, momento a partir do qual as ânforas vinárias itálicas abastecem, de forma mais ou menos regular, o Ocidente Peninsular. O facto de esta tendência se observar já na Fase II do Castro de Chibanes poderá relacionar-se com o carácter tardio desta ocupação, que poderá talvez datar-se

já do século II a.C., possibilidade equacionada no estudo da cerâmica comum (*vide* Cap. XIII), e que poderia assim justificar a presença de elementos de influência itálica apesar das respectivas importações estarem ausentes dos repertórios analisados.

Ainda no que diz respeito a esta expressividade das jarras da cerâmica cinzenta do Castro de Chibanes, é interessante relacioná-las com uma variante específica das tigelas / taças – variante (1.E), que se individualiza pela presença de asas horizontais de influência helenística. Trata-se de duas morfologias que parecem surgir de forma mais ou menos contemporânea no litoral ocidental peninsular, e que podem talvez associar-se a um serviço de mesa específico nos quadros artefactuais da cerâmica cinzenta do final da Idade do Ferro / início do período romano republicano desta região. As suas origens e enquadramento cultural não são ainda completamente perceptíveis, podendo, ainda assim, resultar da confluência de tradições pré-romanas com influências exógenas, estas possivelmente relacionadas, de forma directa ou indirecta, com o mundo romano. Os dados contextuais do Castro de Chibanes permitem, contudo, corroborar as indicações cronológicas obtidas no estuário do Tejo para estas mesmas morfologias.

Uma outra consideração deve ser tecida no que diz respeito à escassez de recipientes de tipo prato no conjunto de cerâmica cinzenta do Castro de Chibanes, um cenário que se observa também no repertório da cerâmica comum. Com efeito, os únicos exemplares que se poderiam aproximar a estes seriam as putativas páteras que, para além de terem perfis pouco conservados, são muito raras no conjunto. Ainda assim, se se confirmar esta classificação, constituem um indício de que esta morfologia, mais bem documentada na área do Tejo, também terá sido utilizada nas margens do rio Sado.

Por último, deve assinalar-se a presença, no conjunto da cerâmica cinzenta, de alguns recipientes de cariz cosmético ou sumptuário, recolhidos unicamente em níveis de fase romana republicana. Ainda que a sua utilização durante a Idade do Ferro esteja bem documentada no Baixo Sado em ambientes funerários (Gomes, 2016), a sua transposição para espaços domésticos poderá relacionar-se, justamente, com novas práticas e costumes que se terão vulgarizado já durante o período romano, situação que é transversal a diferentes áreas geográficas peninsulares, sobretudo no Ocidente.

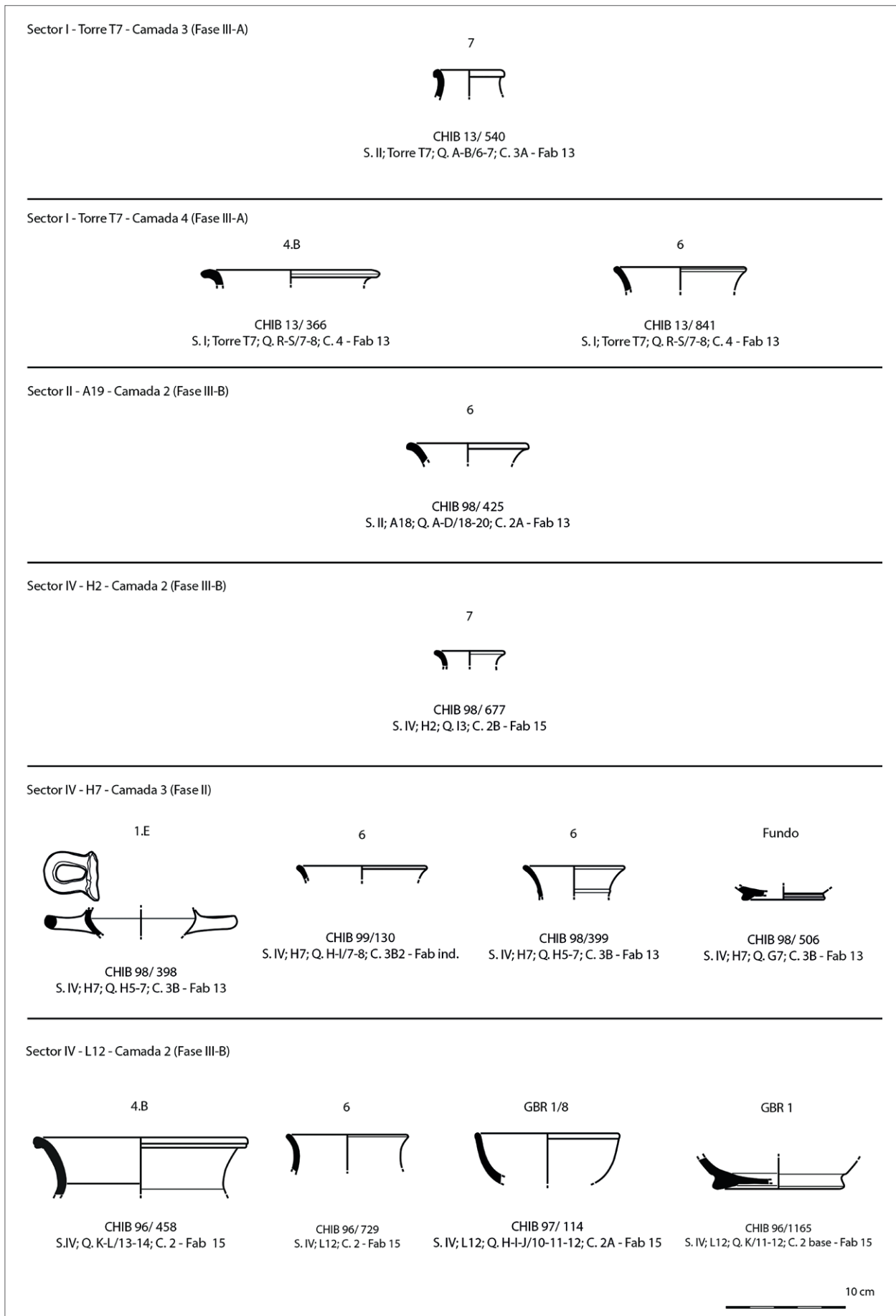


Fig. 7 – Cerâmica cinzenta do Castro de Chibanes.

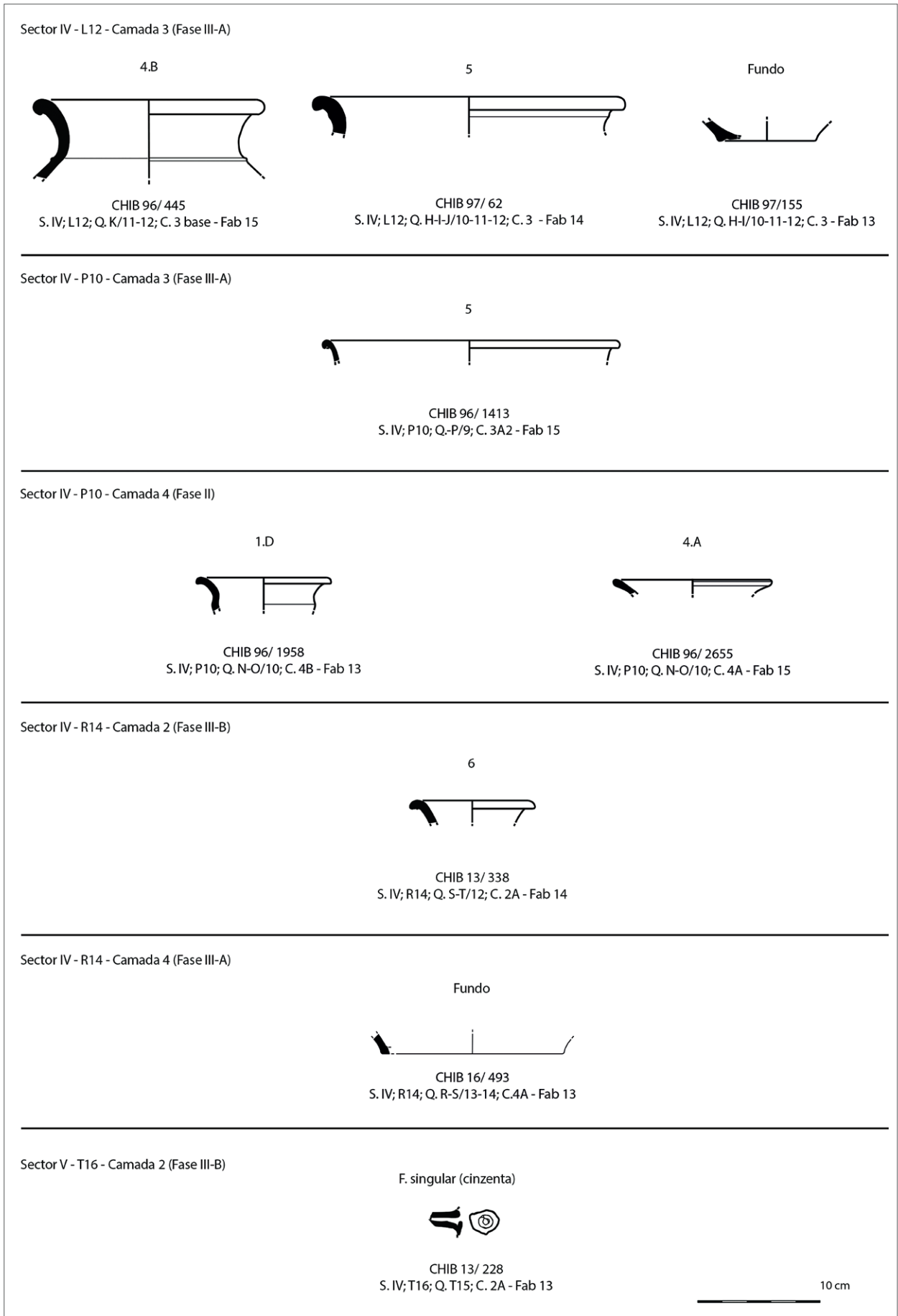
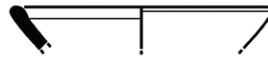


Fig. 8 – Cerâmica cinzenta do Castro de Chibanes.

Sector IV/V - T16 - Camada 4 (Fase III-A)

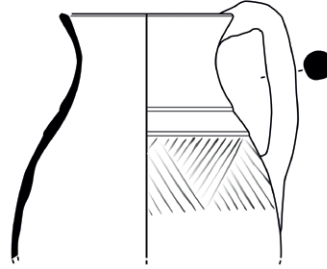
1.A



CHIB 13/ 214
S. V; T16; Q. T17; C. 4C - Fab 13

Sector IV/V - A11 - Camada 3 (Fase III-A)

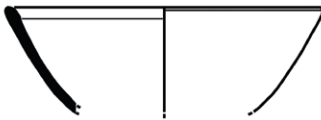
6



CHIB 15/ 243
S. IV/V; A11; C. 3C - Fab 13

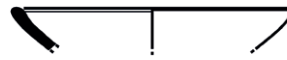
Sector V - D14 - Camada 2 (Fase III-B)

1.A



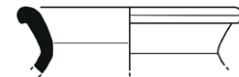
CHIB 13/ 72
S. IV; D14; C. 2B - Fab 15

1.A



CHIB 16/ 304
S. V; D14; C. 2B - Fab 13

4.B



CHIB 15/ 315
S. V; D14; C. 2A - Fab 14

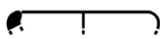
5



CHIB 16/1403
S. V; D14; C. 2B - Fab 14

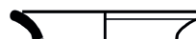
Sector V - D14 - Camada 3 (Fase III-A)

1.C



CHIB 16/ 269
S. V; D14; C. 3B - Fab 14

6



CHIB 16/ 274
S. IV-V; D14; C. 3B - Fab 15

6



CHIB 16/ 313
S. IV-V; D14; Est. A14; C. 3B - Fab ind

8



CHIB 16/ 312
S. IV-V; D14; Est. A14; C. 3B - Fab 15

Fundo



CHIB 16/ 350
S. IV-V; D14; C. 3B - Fab 14

Fundo



CHIB 16/ 274
S. IV-V; D14; C. 3B - Fab 15

Fundo



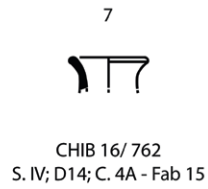
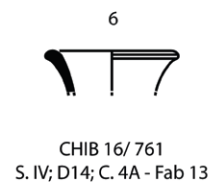
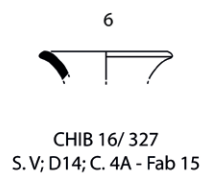
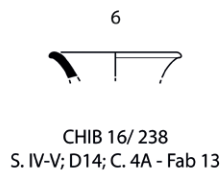
CHIB 16/ 353
S. IV-V; D14; C. 3B - Fab 14

10 cm

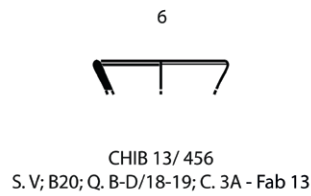


Fig. 9 – Cerâmica cinzenta do Castro de Chibanes.

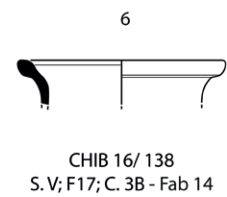
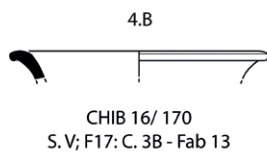
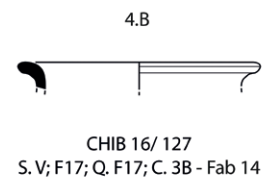
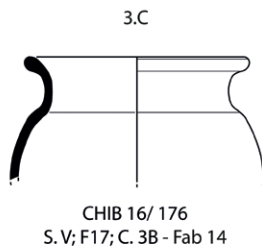
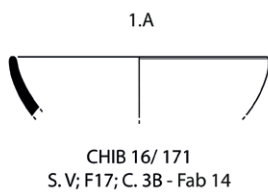
Sector V - D14 - Camada 4 (Fase III-A)



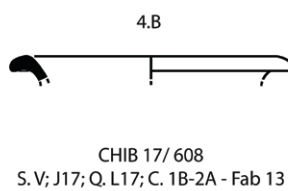
Sector V - B20 - Camada 3 (Fase III-A)



Sector V - F17 - Camada 3 (Fase III-A)



Sector V - J17 - Camada 2 (Fase III-B)



10 cm

Fig. 10 – Cerâmica cinzenta do Castro de Chibanes.

Sector V - J17 - Camada 3 (Fase III-A)

7 (?)



CHIB 17/ 5
S. V; J17; Q. J17; Estrutura J17; C. 3B - Fab 15

Fundo



CHIB 17/ 22
S. V; J17; Q. L17; C.3A - Fab 15

Sector V/VII - G20 - Camada 2 (Fase III-B)

1.A



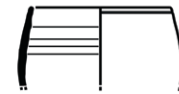
CHIB 17/ 512
S. V; G20; Qs. E20-H18; C. 2B - Fab 15

1.A



CHIB 17/ 604
S. V; G20; Qs. K2/M19-20; C. 2A - Fab. 15

3.A



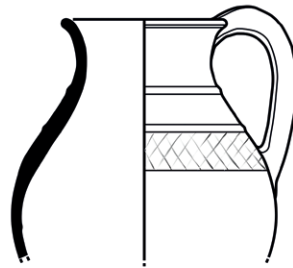
CHIB 17/ 354
S. V; G20; Qs. G-F19; C. 2B (base) - Fab 13

4.B



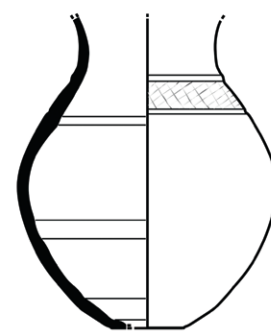
CHIB 17/ 752
S. VII; G20; Qs. G-H/1-2; C. 2B (base) - Fab 14

6



CHIB 17/ 39
S. V; G20; Qs. G19-20; C. 2B - Fab 13

6



CHIB 17/ 502
S. V; G20; Qs. G-F/19; C.2B (base) - Fab 13

Sector V/VII - G20 - Camada 3 (Fase III-A)

Fundo



CHIB 17/ 502
S. V; G20; Q. E20; C. 3B - Fab 13

Sector VII - D3 - Camada 3-4 (Fase III-A)

4.B



CHIB 17/ 299
S. VII; D3; Q. C2; C. 3B/4A - Fab 13

10 cm



Fig. 11 – Cerâmica cinzenta do Castro de Chibanes.

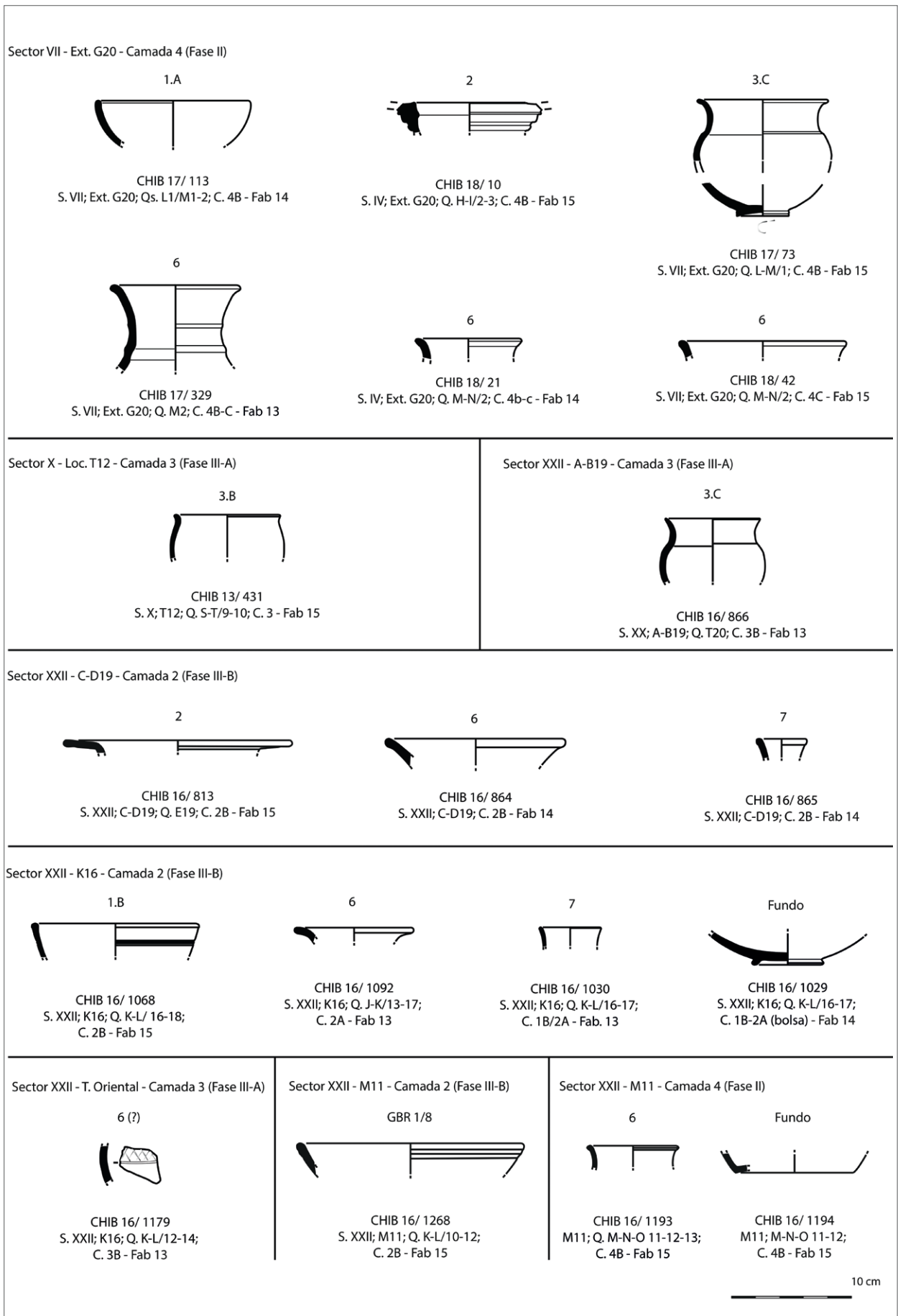


Fig. 12 – Cerâmica cinzenta do Castro de Chibanes.

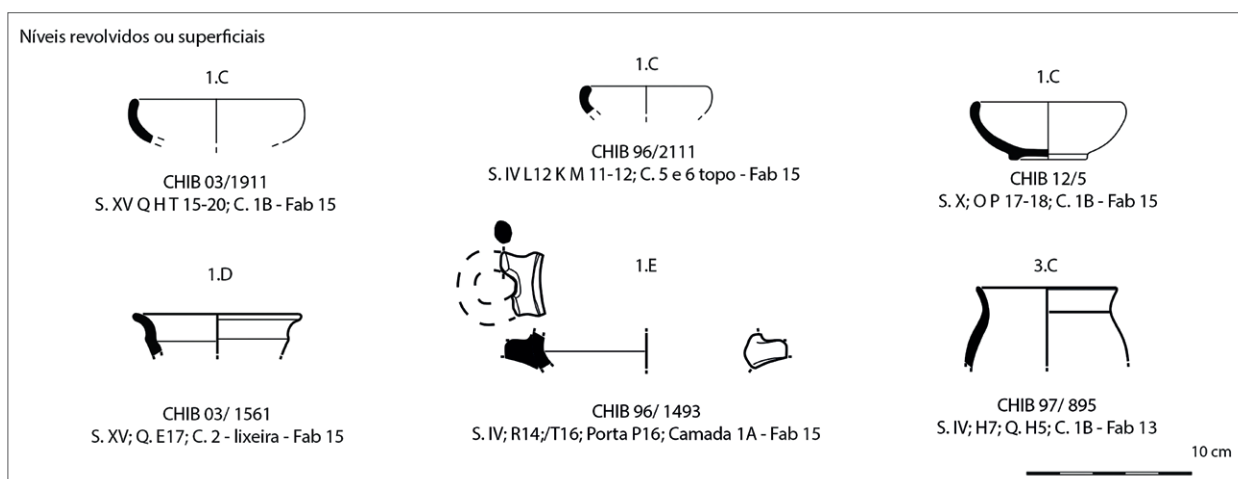


Fig. 13 – Cerâmica cinzenta do Castro de Chibanes.

Bibliografia

- Adroher Auroux, A. (2014) - Cerâmica Gris Bruñida Republicana (GBR): el problema de las imitaciones em ceramología arqueológica. In R. Morais, A. Fernández, M. J. Sousa (eds.), *As Produções Cerâmicas de Imitação na Hispânia*: Porto: Universidade, p. 281-290.
- Arruda, A. M. (1999-2000) - *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.)*. Barcelona: Universidad Pompeu Fabra.
- Arruda, A. M.; Cardoso, J. L. (2013) - A ocupação da Idade do Ferro da Lapa do Fumo (Sesimbra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 20, p. 731-754.
- Arruda, A. M.; Freitas, V.; Vallejo Sánchez, J. (2000) - As cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 3-2, p. 25-59.
- Arruda, A. M.; Sousa, E.; Barradas, E.; Batata, C.; Detry, C.; Soares, R. (2017) - O Cabeço Guião (Cartaxo – Portugal): um sítio da Idade do Ferro do Vale do Tejo. In S. Celestino Pérez e E. Rodríguez González (eds.), *Territorios comparados: los vales del Guadalquivir, el Guadiana y el Tajo en época tartésica*. Mérida: CSIC, p. 319-361.
- Arruda, A. M.; Sousa, E.; Ferreira, M.; Lourenço, P.; Carvalho, A. (2021) - *El Orientalizante en Portugal. Nuevos datos de Alcácer do Sal*. Barcelona: Edicions Bellaterra.
- Barros, L.; Cardoso, J. L.; Sabrosa, A. (1993) - Fenícios na margem sul do Tejo. Economia e integração cultural do povoado de Almaraz – Almada. *Estudos Orientais* IV, p. 143-181.
- Bugalhão, J.; Arruda, A. M.; Sousa, E.; Duarte, C. (2013) - Uma necrópole na praia: o cemitério romano do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (Lisboa). *Revista Portuguesa de Arqueologia* 16, p. 243-275.
- Fabião, C. (1998) - *O Mundo Indígena e a sua Romanização na área Céltica do território hoje português*. Tese de Doutoramento. Lisboa (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa).
- Gomes, F. (2016) - *Contactos culturais e discursos identitários na I Idade do Ferro do Sul de Portugal (séculos VIII – V a.n.e.): leituras a partir do registo funerário*. Tese de Doutoramento. Lisboa (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa).
- Mayet, F.; Tavares da Silva, C. (2000) - *Le site phénicien d'Abul (Portugal). Comptoir et sanctuaire*. Paris: Diffusion du Bocard.
- Pimenta, J.; Calado, M.; Leitão, M. (2014) - Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa. A intervenção da Rua de São João da Praça. In A. M. Arruda (ed.), *Fenícios e Púnicos, por terra e mar. Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos*. Lisboa: Centro de Arqueologia, p. 724-35.
- Pimenta, J.; Gaspar, A.; Gomes, A.; Mota, N.; Miranda, P. (2014) - O estabelecimento romano republicano de Olisipo: estrutura e contextos do Beco do Forno do Castelo, Lote 40 (n. 16-20) – Lisboa. *Cira Arqueologia* 3, p. 122-147.
- Pimenta, J.; Tavares da Silva, C.; Soares, J.; Pereira, T. (2019) - Revisitando o espólio das escavações de A. I. Marques da Costa em Chibanes: os dados proto-históricos e romano-republicanos. *Ophiussa* 3, p. 45-79.
- Soares, J.; Tavares da Silva, C. (1986) - Ocupação pré-romana de Setúbal: Escavações arqueológicas na Travessa dos Apóstolos. In *Actas do I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana*. Lisboa, p. 87-101.
- Soria, V. (2018) - *La ceramica a vernice nera italiana e le imitazioni a impasto grigio in Portogallo tra il II e I secolo a.C.: una prospettiva di studio*. Tese de Doutoramento. Lisboa (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa).
- Sousa, E. (2009) - *A cerâmica de tipo Kuass no Algarve*. Lisboa: Centro de Arqueologia.
- Sousa, E. (2014) - *A ocupação pré-romana da foz do Estuário do Tejo*. Lisboa: Centro de Arqueologia.
- Sousa, E. (2016) - From Greek to Roman Pottery in the Far West. In Japp, S.; Kögler, P. (eds.), *Traditions and Innovations. Tracking the Development of Pottery from the Late Classical to the Early Imperial Periods*. Viena: Phoibos Verlag, p. 17-28.
- Sousa, E. (2021) - A cerâmica cinzenta do estuário do Tejo durante a Idade do Ferro: algumas precisões sobre a sua cronologia, tipologia, produção e consumo. *CuPAUAM* 47-1, p. 127-167.
- Sousa, E.; Arruda, A. M. (2010) - A gaditanização do Algarve. *Mainake* 32-II, p. 951-974.
- Sousa, E.; Pimenta, J. (2017) - Produções cerâmicas de inspiração grega no Vale do Baixo Tejo. In *Arqueologia em Portugal. 2017 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 887-896.
- Tavares da Silva, C.; Soares, J.; Beirão, C. M.; Dias, L. F.; Coelho-Soares, A. (1980-1981) - Escavações arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal (Campanha de 1979). *Setúbal Arqueológica* 6-7, p. 149-218.
- Vallejo Sánchez, J. I. (2015) - *Las cerámicas grises orientalizantes en la Península Ibérica*. Tese de Doutoramento. Cádiz (Universidade de Cádiz).